

**ELIZETE LIMA**

**O REGIONALISMO DE JOSÉ LINS  
DO REGO, NA OBRA: MENINO DE ENGENHO**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUIS  
NÚCLEO DE APOIO SANTA CRUZ  
JABOTICABAL – SP  
2010**

**ELIZETE LIMA**

**O REGIONALISMO DE JOSÉ LINS  
DO REGO, NA OBRA: MENINO DE ENGENHO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação São Luis como exigência parcial para a conclusão do curso de Pós-Graduação Lato Senso em Língua Portuguesa, Compreensão e Produção de Textos.

Orientadora : Prof(a) Maria Carolina de Godoy

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUIS  
NÚCLEO DE APOIO SANTA CRUZ  
JABOTICABAL – SP  
2010**

Aos meus amados pais (in memoriam), a minha eterna gratidão pelo paradigma de amor, dedicação, coragem, honestidade e retidão, valores essenciais a minha formação. E ao meu avô materno, que me ensinou a beleza e importância do cultivo a terra.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por me conceder o dom maior: a vida, por todas as bênçãos e vitórias alcançadas.

Ao Professor Luiz Roberto Wagner por sua competência e orientação.

As Professoras Maria Carolina de Godoy, Janaína, Maria Teresa, pela dedicação, entusiasmo na transmissão dos conhecimentos.

Aos colegas do curso pela paciência e colaboração.

As minhas irmãs, sobrinhas, amigas(os), pelo incentivo, apoio, e um agradecimento especial aos meus irmãos Ézio Paixão Lima e José Brasilino Lima Filho, pela presença constante em minha vida, com muito carinho.

Ao meu cunhado Silvino da Silva Rocha (in memoriam), grande incentivador para o meu aperfeiçoamento pessoal e profissional. Muito Obrigada!

“A cada dia que vivo, mais me convenço de que o desperdício da vida está no amor que não damos, nas forças que não usamos, na prudência egoísta que nada arrisca, e que esquivando-se do sofrimento, perdemos também a felicidade. A dor é inevitável, o sofrimento é opcional”.(CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

## RESUMO

O presente trabalho busca analisar o romance "Menino de Engenho" de José Lins do Rego, demonstrando características peculiares da narração e da linguagem regionalista utilizada pelo autor, apresentando a importância e influência do regionalismo nordestino. Marcando assim o início de uma nova maneira de escrever e contar histórias de trancoso, do eito da bagaceira, do cangaço, credices populares, o início do Ciclo da Cana-de-açúcar e a decadência dos engenhos, com o surgimento das Usinas. No primeiro e segundo capítulos um breve histórico sobre a literatura regionalista brasileira e sua importância e também o regionalismo de 1930, no terceiro capítulo a influência do Modernismo retratando a segunda geração. No quarto e quinto capítulos, abordaremos a vida e obra de José Lins do Rego. E em considerações finais, observamos que "Menino de Engenho", é uma autobiografia das cenas da infância de José Lins do Rego, que ainda estavam marcadas em sua mente. Segundo depoimento do próprio autor, a sua intenção ao elaborar a obra, era escrever a biografia do avô, o coronel José Paulino, a quem considerava uma figura das mais representativas da realidade patriarcal nordestina. "Menino de Engenho", trás os valores que o consagraram na Literatura Brasileira, durante a década de 30 (século XX). Onde surge uma produção que se preocupava em apresentar a realidade Nordestina e os seus problemas, numa nova linguagem.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
1- A LITERATURA REGIONALISTA BRASILEIRA .....	9
1.1 - Graciliano e José Lins.....	10
2- O REGIONALISMO DE 1930.....	11
3- O MODERNISMO – SEGUNDA GERAÇÃO – (1930 – 1945) .....	15
4- JOSÉ LINS DO REGO.....	17
4.1 - Vida e Obra .....	17
5 - A OBRA: MENINO DE ENGENHO.....	20
5.1 - Principais características da Obra.....	22
5.2 - A Linguagem.....	25
5.3 - O Ciclo da cana-de-açúcar .....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	28
REFERÊNCIAS .....	29

## INTRODUÇÃO

Este trabalho busca analisar o primeiro romance de José Lins do Rego, “Menino de Engenho” que é uma das obras da Literatura Brasileira que se destaca por tratar de assuntos relacionados à realidade Nordestina. Ele descreve com emoção de forma direta uma sociedade rural latifundiária escravocrata. É composto de elementos, como crenças populares, e as características da região onde a história se passa, e a ficção se aproxima da realidade, tornando a leitura mais cativante, ou seja, é uma obra trabalhada intelectualmente e feita para ser analisada.

O romance possui enredo linear, sem cortes no tempo, acompanhando a ordem cronológica dos fatos. O tempo, o espaço, os personagens são apresentados de maneira lógica, as ações desenvolvem-se cronologicamente, observando-se o começo, o meio e o fim da narrativa.

A história se passa na zona da mata nordestina, especificamente no Engenho Santa Rosa do Coronel José Paulino, é no engenho que acontecem praticamente os fatos marcantes do romance, no entanto o personagem principal é o neto do Coronel, o menino Carlinhos.

A descrição do cenário é bem detalhada, aproximando a história fictícia da realidade e estimulando nossa imaginação. Apesar de não possuir uma linguagem tão atual, a leitura é agradável, de forma que prende a atenção do leitor.

José Lins do Rego coloca em seus livros a oralidade, a persuasão, a crítica e as utopias que se encontram nas cantigas de cordel, no repente, no desafio dos poetas e cantores populares, sem preocupar-se com a esmerada elaboração da linguagem literária e sem cair na adiposidade verbal de outros companheiros de geração, consagra-se como o grande contador de histórias do Brasil.

## 1 A LITERATURA REGIONALISTA BRASILEIRA

Regionalismo é o conjunto das particularidades lingüísticas de uma determinada região geográfica, decorrente da cultura lá existente. Uma de suas principais expressões é o dialeto. Devido ao fato da povoação do Brasil ter ocorrido em regiões distintas e distantes entre si (litoral nordestino, litoral fluminense, interior mineiro, interior gaúcho, por exemplo), o traço cultural de cada região influenciou o próprio desenvolvimento idiomático do português ao longo da história, ou seja, em cada região brasileira, a língua portuguesa sofreu várias influências culturais, e por isso incorporou diferentes formas de expressão, o que aos poucos deu origem a diferentes dialetos, diferentes modos de expressar ou representar uma mesma idéia ou história, um mesmo sentimento ou conteúdo.

Por conta disso, costuma-se estudar o Regionalismo a partir dos romances coloniais de José de Alencar e das poesias indianistas de Gonçalves Dias, onde no século XIX o movimento nasceu daquela aspiração patriótica de fundar a nobreza do país em um passado mítico.

Esta aspiração põe o nacional acima do regional. No começo do século XX a matéria rural voltou a ser tomada a sério, assumida nos seus precisos contornos físicos e sociais dentro de uma concepção mimética de prosa.

É o caso do Regionalismo de Waldomiro Silveira e de Simões Lopes Neto, que resultou de um aproveitamento literário das matrizes regionais. Mais tarde em Guimarães Rosa, o regionalismo sofre uma metamorfose que trata de novo ao cerne da ficção brasileira. É a permanência e transformação do regionalismo no Romance de 30, de autores como o baiano Jorge Amado, o gaúcho Érico Veríssimo, o paraibano José Lins do Rego e o alagoano Graciliano Ramos.

### 1.1 - Graciliano e José Lins

A aridez do agreste e a exuberância da zona da mata. Outro dos grandes escritores surgidos durante a década de 30 dedicados ao romance regionalista. Graciliano Ramos (1892 – 1953) foi desde o seu encontro em Maceió no início dos anos 30, grande amigo e admirador de José Lins. Mesmo quando, em 1945, polemizaram pelos jornais sobre o partido comunista, no qual Graciliano Ramos ingressara, este encerra seu artigo com estas palavras de amizade: “Sinto discordar do meu velho amigo José Lins, grande cabeça e enorme coração”, Graciliano jamais poderia esquecer que José Lins do Rego, fora um dos brasileiros mais empenhados em conseguir sua libertação quando o velho fora aprisionado, durante o ano de 1936, pela ditadura Vargas. Mas, suas diferenças não foram apenas políticas. Enquanto a escrita de Graciliano Ramos era seca e contida como o sertão que descreve em “Vidas Secas”, a de José Lins era exuberante e derramada como a natureza pródiga como a Zona da Mata que abriga os engenhos de seus romances. Mas, “Fogo Morto”, o mais contido e elaborado romance de José Lins, aproxima-se do colega Alagoano ao apresentar a desumanização do homem nordestino. Animalizado e monstruoso, descreve-se com um “lobisomem”. É como um “lobisomem” que o povo da região vê o mestre José Amaro, é como um “papa-rabo” que vêem o Capitão Vitorino.

Esta é, aliás, a grande diferença entre o regionalismo visto pelos românticos e o regionalismo ressaltado pelo realismo. No primeiro, havia um sentimento de idealização, de caráter otimista, de exotismo, ao passo que no segundo investiga-se o humano nas suas relações com o meio, com a linguagem, a paisagem e a cultura de uma determinada região.

## 2 O REGIONALISMO DE 1930

A prosa de ficção dos anos 30, deu continuidade ao projeto dos primeiros modernistas, a chamada fase heróica, de 1922, de aprofundamento nos problemas brasileiros através de uma literatura regionalista, de caráter neo-realista, preocupada em apresentar os problemas e as desigualdades sociais do Brasil.

Prevalece uma narrativa direta, sem as ousadias formais dos romances de Oswald de Andrade, como "Memórias Sentimentais" de João Miramar, ou do "Macunaíma" de Mário de Andrade.

Os regionalistas de 30, como Jorge Amado, Graciliano Ramos e José Lins do Rego, enfatizam, assim como o modernismo inicial, o uso da linguagem coloquial, popular, na obra de arte literária. Mas há uma diferença fundamental. Enquanto os modernistas de 22 procuravam "escrever errado", reproduzindo as incorreções gramaticais da fala popular de maneira programática na linguagem literária, os regionalistas de 30, já livres das convenções da linguagem parnasiana acadêmica, escrevem com simplicidade, apenas ocasionalmente desrespeitando a norma culta da língua portuguesa.

Chama-se de romance de 30 ou Neo-realismo a produção ficcional brasileira de inspiração realista produzida a partir de 1922, ano de publicação de "A bagaceira", de José Américo de Almeida, que inaugura o referido ciclo.

Em função do predomínio da temática rural, generalizou-se também o conceito de romance regionalista para indicar os relatos da época, apesar de alguns romances urbanos fazerem parte do mesmo período.

As características comuns aos romances de 30 são a verossimilhança, o retrato direto da realidade em seus elementos históricos e sociais, a linearidade narrativa, a tipificação social (indivíduos que representam classes sociais) e a construção ficcional de um mundo que deve dar a idéia de abrangência e totalidade.

Características muito semelhantes às do Realismo Machadiano, com o acréscimo do regionalismo e das conquistas modernistas de introspecção e liberdade lingüística.

A década foi marcada também por um impressionante florescimento de estudos sobre a sociedade brasileira, com destaque especial para “Casa-grande” e “Senzala”. (1933), de Gilberto Freyre.

Quanto à temática, os romancistas de então enfatizam as questões sociais e ideológicas. É uma época de efervescência política no país e no mundo: no Brasil, Getúlio Vargas assume depois de uma Revolução e inaugura o Estado Novo. Enquanto o mundo vive o período entre-guerras e assiste à ascensão do socialismo na União Soviética. O escritor, ao invés de pegar em armas, usa a ficção, a descrição, e o romance como forma de denunciar as desigualdades e injustiças.

Outro pilar do regionalismo no romance de 30, é José Lins do Rego. Seu primeiro romance, “Menino de Engenho”, é muitas vezes visto como uma espécie de descrição da vida num engenho de cana, no tempo de decadência desse tipo de propriedade rural nordestina.

Mas, também é verdade que não se trata de simples descrição. É muito mais uma visão do engenho filtrada por um menino solitário que, marcado desde a primeira infância pela perda - a morte da mãe e a prisão do pai -, vai projetar sua melancolia nessa outra perda, a perda de um modo de vida mais amplo.

E o que filtra o engenho e chega ao leitor, é esse olhar subjetivo de alguém que vive um problemático momento histórico de transição, profundamente assumido, a ponto de deixar escapar julgamentos pouco confessáveis como algo absolutamente natural.

O que o bom romance de 30 produziu, foi muito além do regionalismo no sentido em que ainda se insiste em usar a palavra, referindo-se a algo restrito, que apela para a curiosidade do leitor pelo que lhe é estranho, ou para sua simpatia pelo sofrimento, em relação ao qual guarda segura distância.

O Regionalismo de 1930 tem um espectro e um alcance muito maiores do que em geral se assinala. Se formos capazes de enxergar o quanto a relação do dado local com o não-local mobilizou de fato os autores daquela década, poderemos perceber o quanto essa produção contribuiu para o amadurecimento do romance brasileiro, inclusive no que diz respeito à linguagem.

Assim, o termo regionalismo pode se libertar do peso negativo e restritivo que acabou, infelizmente, convertendo-se em sua segunda natureza. Isso contribuiria para que o brasileiro parasse de olhar para sua própria tradição literária, com aquele provincianismo que se crê desimpedido, mas é bem o contrário disso.

Segundo Antonio Cândido (1989) e Afrânio Coutinho (2001), a partir da década de 30, houve uma ampliação do romance brasileiro, isto devido ao engajamento político e social de escritores como Graciliano Ramos com a obra “Angústia” e José Lins do Rego com a obra “Menino de Engenho”, que fizeram um regionalismo tanto urbano quanto rural, comprometido com o mundo brasileiro através do documentário, e estudo do meio social em que se insere seus personagens, enfocando desta forma a paisagem, problemas sociais, a linguagem e os costumes do povo.

A construção de “Menino de Engenho” apresenta muitos aspectos do estilo de época modernista.

- Como se pode ver pelo enredo apresentado, o romance se apóia na cultura brasileira: Aí está um engenho-de-açúcar típico do Nordeste que constitui o microcosmo da construção do romance. Em torno dele giram costumes, crenças, superstições, que refletem bem a nossa cultura. Esse nacionalismo, essa atmosfera bem brasileira, é como se sabe própria do modernismo.
- Pode-se vislumbrar no romance, uma certa postura engajada embora predomine no livro, a idéia de evocação de uma infância marcada pela magia e o encanto da vida no engenho Santa Rosa. Não obstante, o autor expõe a miséria degradante em que vivia o povo. O mandonismo e a prepotência do coronel Zé Paulino. É visível no romance a separação em castas, onde negros e trabalhadores vivem num regime de escravidão.
- O folclore nordestino está bem representado pela velha “Totonha” com suas histórias fabulosas, e mesmo com o cangaceiro Antônio Silvino e seu bando, nele fala alto a alma brasileira com sua maneira de ser e suas peculiaridades. Curioso observar, que o estilo do autor reflete bem a espontaneidade desses “contadores” nordestinos.
- A linguagem, permeada de termos regionais, retrata bem a realidade do mundo enfocado e evocado pelo autor. Como é comum no modernismo, são freqüentes termos e construções próprios da linguagem oral, como exemplos:

“— Sai daí, menino senvergonho. Vou dizer ao Coronel.”

“— Me deixou em cima da cama com a barriga rachando, e danou-se”

“— Ela botou pra cima de mim os estragos que os outros fez”.

“— Entra pra dentro, Carlinhos”.

Entretanto, não há abuso no registro dessas construções deturpadas da língua oral. Quanto aos regionalismos, são tantos, que o autor chegou a organizar um glossário que costuma acompanhar o romance.

Por outro lado, o processo narrativo de José Lins, marcado pela espontaneidade, reproduz bem a oralidade dos contadores e cantadores populares do folclore nordestino, como a velha “Totonha”, por este motivo a quase total escassez de diálogo no romance.

### **3 O MODERNISMO – SEGUNDA GERAÇÃO – 1930 – 1945**

O Modernismo Brasileiro foi um amplo movimento cultural que repercutiu fortemente sobre a cena artística e a sociedade brasileira na primeira metade do século XX, sobretudo no campo da Literatura e das artes plásticas.

Comparado a outros movimentos modernistas, o brasileiro foi desencadeado tardiamente, na década de 1920. Este foi resultado em grande parte da assimilação de tendências culturais e artísticas, lançadas pelas vanguardas européias no período que antecedeu a Primeira Guerra Mundial, tendo como exemplo do Cubismo e do futurismo, refletindo então, na procura da abolição de todas as regras anteriores e a procura da novidade e da velocidade.

Portanto, considera-se a Semana de Arte Moderna realizada em São Paulo em 1922, como ponto de partida para o Modernismo no Brasil.

Porém, nem todos os participantes desse eram modernistas.

Não sendo dominante desde o início do modernismo com o tempo, suplantou os anteriores, foi marcado sobretudo pela liberdade de estilo e aproximação com a linguagem falada, sendo os da primeira fase mais radicais em relação a esse marco.

O Modernismo foi dividido em três fases:

- ❖ A primeira fase - (1922 – 1930)
- ❖ A segunda fase - (1930 – 1945)
- ❖ A terceira fase - (1945 – 1978)

A primeira fase, mais radical e fortemente oposta a tudo que foi anterior, cheia de irreverências e escândalos; a segunda fase foi mais amena que formou grandes romancistas e poetas, e uma terceira fase, também chamada de Pós-Modernismo por vários autores que se opunha de certo modo à primeira, e era por isso ridicularizada com o apelido de Neoparnasianismo.

A segunda fase foi rica na produção poética e na prosa, o universo temático amplia-se com a preocupação dos artistas com o destino do homem e do estar-no-mundo, ao contrário da sua antecessora, foi construtiva.

A maioria dos poetas de 30 absorveu experiências de 22 como liberdade temática, o gosto da expressão atualizada ou inventiva e o verso livre.

Portanto, ela não precisou ser tão combativa quanto a de 22, devido ao encontro de uma linguagem poética modernista já estruturada. Passam então, aprimorá-la, prosseguindo a tarefa de purificação de meios e formas direcionando e ampliando a temática da inquietação filosófica e religiosa, com Vinícius de Moraes, Jorge de Lima, Augusto Frederico Schmidt, Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade, na poesia.

Na prosa, autores tais como: Álvaro Lins, Cornélio Pena, Cyro dos Anjos, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Lins do Rego, entre outros.

## 4 JOSÉ LINS DO REGO

### 4.1 - Vida e Obra

José Lins do Rego Cavalcanti, nasceu em 03 de junho de 1901, no Engenho Corredor, município de Pilar no Estado da Paraíba. Era filho de João do Rego Cavalcanti e Amélia do Rego Cavalcanti.

Seus pais sempre estiveram ligados ao mundo rural do Nordeste açucareiro junto às senzalas e “rebanhos” humanos de negros. O convívio direto com esse mundo rural influenciou muito sua carreira, já que estes temas do patriarcalismo rural predominaram em sua obra.

A liberdade de sua infância foi breve, pois logo foi freada pelas letras no Instituto Nossa Senhora do Carmo em Itabaiana. Em 1912, iniciou seus estudos ginasiais no Colégio Diocesano Pio X. Nesta época também começaram a surgir sua tendência literária e seu gosto pela leitura. Nesse período começa seu contato com livros como: “O Ateneu” de Raul Pompéia, e “Dom Casmurro” de Machado de Assis. É também, nessa época que publica o seu primeiro artigo, que tinha como tema Rui Barbosa.

Após dois anos se matriculou na Faculdade de Direito de Recife, e com isso pode ampliar seus contatos com o meio literário Pernambucano, tornando-se amigo de José Américo de Almeida, Osório Borba, Luis Delgado, Aníbal Fernandes e outros. Gilberto Freire influenciou José Lins do Rego com suas idéias e desenvolveu no mesmo o interesse pela leitura inglesa.

Em 1923, José Lins começou a assinar seus primeiros trabalhos como escritor.

Aos 22 anos ele já estava formado Bacharel em Direito, e tem sua vida modificada um ano após, casando-se com a filha do Senador Massa, Philomena Massa em 1924, com quem teve 03 filhas.

Em 1925, é nomeado Promotor público em Manhuaçu (MG), porém lá pouco ficou, devido sua vocação literária.

Desistindo algum tempo depois da carreira na Magistratura. Ele muda-se em 1925 para a capital de Alagoas, onde trabalha como fiscal de Bancos. Nesse período em Maceió, ele junta-se a um grupo, o grupo de Graciliano Ramos, Raquel de Queirós, Aurélio Buarque de Holanda e outros.

Foi também em Maceió, que José Lins do Rego, escreveu seu primeiro livro “Menino de Engenho” (1932), obra que se revelou de importância fundamental na história do moderno romance brasileiro, que só foi publicado mais tarde por uma editora desconhecida com o dinheiro do próprio autor. Ele mesmo, certa vez, em um artigo de jornal, contou alguma coisa a respeito desse livro *“O livro foi oferecido a todos os editores nacionais, e de todos recebi um não seco, quando não me deram o calado como resposta. Só mais tarde uma editora desconhecida, com dinheiro do meu bolso, publicaria a novela”* Porém, a estréia do livro foi um sucesso, esgotando-se os exemplares em pouco tempo e sendo reconhecido e elogiado pela crítica literária da época, o livro chegou a receber o prêmio de melhor romance, da Fundação Graça Aranha, o que, consolidou sem dúvida a posição do estreante, que se lança ao trabalho com maior ímpeto criador. Entusiasmado, José Lins lança em 1933 o segundo livro do “Ciclo da cana-de-açúcar”; “Doidinho”, que foi aproximado pelos críticos ao “Ateneu” de Raul Pompéia. Desde então, sua obra não recebeu interrupções maiores e seus livros começaram a serem publicados pela Editora Nova Fronteira.

Em 1935, é nomeado fiscal do imposto de consumo e muda-se para o Rio de Janeiro, onde escreveu a penúltima parte do “Ciclo da cana-de-açúcar” – “O moleque Ricardo”, e em 1936, surge “Usina”.

No Rio de Janeiro, ele volta a participar do jornalismo, marcando presença em “O Globo”, “Diários Associados” e “Jornal dos Sports”. Desempenhou cargos de direção no Clube Regatas do Flamengo, na Confederação Brasileira de Desportos e no Conselho Nacional de Desportos, assim revela-se seu lado esportista.

Em 1937, publica seu primeiro livro fora da obra cíclica – “Pureza” seguido por “Pedra Bonita” e “Riacho Doce”. Em “Pedra Bonita” surge pela primeira vez o problema do fanatismo religioso do Nordeste. “Água Mãe”, escrito em 1941, foi seu primeiro livro que o cenário não era o Nordeste, mas Cabo Frio, no Estado do Rio de Janeiro.

Em 1943, José Lins volta ao Regionalismo Nordestino, publicando o romance “Fogo Morto”, no qual, talvez tenha surgido uma das suas maiores criações – O capitão Vitorino, que foi comparado por alguns críticos a um Quixote sertanejo de nossos dias.

No ano seguinte, ele visita a Argentina, Uruguai, onde realizou algumas conferências sobre a Literatura Brasileira, dessa experiência surgem “Gordos e Magros”, “Pedro Américo”, “Conferências no Prata” e “Poesia e Vida”. Quatro anos após a publicação do “Fogo Morto”, ele escreve seu primeiro romance cujo cenário era o Rio de Janeiro – “Eurídice”, com o qual obteve o Prêmio Fábio Prado de 1947.

Em 1950, viaja pela primeira vez à Europa, visitando a França a convite do governo desse País. Essa viagem se repetiria em 1951, conhecendo Portugal, Suécia e Dinamarca, desta vez como integrante de uma delegação esportiva brasileira, ainda em 1952, inicia a publicação em folhetim do seu último romance – “Cangaceiros”, que aparece em volume em 1953. Esse romance é a sua despedida de um mundo de ficção onde realidade e fantasia se cruzam. As viagens também estimularam sua carreira como “Bota de Sete Léguas”, 1952 e “Gregos e Troianos” de 1957. Essas viagens continuaram nos últimos anos de sua vida.

Foi patrono da cadeira n. 39 da Academia Paraibana de Letras, e em 1955 é eleito pela Academia Brasileira de Letras para a cadeira n. 25, substituindo Ataulfo de Paiva.

Em 12 de setembro de 1957, no Rio de Janeiro, com 56 anos de idade, faleceu José Lins do Rego Cavalcanti, deixando uma grande e rica obra literária.

Sua obra deixou sobretudo na área do romance, assegurou-lhe consagração insofismável.

## 5 A OBRA: MENINO DE ENGENHO

O livro é narrado em 1ª pessoa pelo narrador-personagem, Carlos Melo, que é o protagonista da história.

O tempo presente no livro é cronológico. Vai desde os quatro anos de Carlos até os doze, quando vai para o colégio. “Eu tinha uns quatro anos no dia em que minha mãe morreu...” “Tinha uns doze anos quando conheci uma mulher, como homem”.

O romance se passa na Zona da Mata Nordestina, especificamente no Engenho Santa Rosa, do Coronel José Paulino. É no engenho que acontecem praticamente todos os fatos marcantes do romance.

Dentro desse espaço do engenho, encontramos outros ambientes, como a senzala, a casa grande, a cachoeira, o engenho Santa Fé, do Coronel Lula de Holanda que estará presente no livro “Fogo Morto”, do mesmo autor. Carlos Melo, ou melhor, Carlinhos, narra com um tom saudoso a infância vivida no engenho Santa Rosa.

Quando ficou órfão de mãe, e o pai é enviado para um sanatório após assassiná-la, o menino foi viver no engenho Santa Rosa, que pertencia ao seu avô materno, o Coronel José Paulino, espécie de senhor feudal, que dirigia com punho de ferro seu infindável império de terras e homens.

A infância de Carlinhos foi dividida entre o “bem” e o “mal”, ou seja, na companhia de sua tia Maria, seu comportamento era mais terno, moça de coração bom, generosa e atenciosa, que procura suprir com amor a ausência da mãe de Carlinhos (o bem), além de tia Maria, ele conhece também a tia Sinhazinha, uma mulher com aproximadamente sessenta anos, e que implicava com tudo. Todos os empregados da casa tinham que cumprir suas ordens e respeitar suas crueldades.

Longe dos olhos de tia Maria e na companhia dos primos era extrovertido e libertino (o mal), conhece um mundo cheio de aventuras, desigualdades sociais vividas pelos empregados do engenho, promiscuidade e desrespeito sexual.

E foi neste ambiente desprovido de cuidados e atenção, que Carlinhos começa bem cedo sua vida amorosa se apaixonando pela sua primeira professora, que logo foi substituída pelas primas.

Fascinado com a liberdade da vida que gozava no engenho. Carlinhos se encanta com as mulatas, filhas dos empregados do avô. Com elas aflora para uma vida sexual precoce e aos doze anos de idade, contrai gálico de uma delas, tornando-se assunto da região.

Totalmente sem limites e sem educação, Carlinhos preocupa seu avô, que não encontra outro caminho a não ser encaminhá-lo para um colégio, lugar o qual se tornaria um verdadeiro homem.

“Menino de Engenho”, é uma autobiografia das cenas da infância de José Lins do Rego, que ainda estavam marcadas em sua mente. Segundo depoimento do próprio autor, a sua intenção ao elaborar a obra era escrever a biografia do avô, o coronel José Paulino, a quem considerava uma figura das mais representativas da realidade patriarcal nordestina. Constatamos que, o biógrafo foi superado pela imaginação criadora do romancista. A realidade bruta é recriada através da criatividade do gênero nordestino.

O livro enfoca os abalos de estruturas de uma sociedade rural latifundiária e escravocrata. O universo complexo em questão é o “mundo” do menino de engenho, que vai da pureza às maledicências, caracterizando uma realidade totalizadora e ao mesmo tempo um destino individual.

O autor, no último parágrafo do livro faz uma comparação de Carlos com Sérgio, do livro “O Ateneu” (Raul Pompéia), sendo que o primeiro sai de uma vida jovem, mas com muita experiência, para seguir seus estudos e o segundo sai de uma vida de mimos para um mundo onde experimentará sensações que ainda não foram vividas.

No romance de Raul Pompéia, há uma atitude de exigência interior de libertação de uma amargura avassaladora, intensificada e marcada pela caricatura, pelo sarcasmo e impiedade. Já o que ocorre no romance de José Lins do Rego, é algo de ternura e intensa humanidade, dominado pela nostalgia do ambiente do engenho sob a decadência do poderio da civilização açucareira. Esse autor procura

sentir e compreender a grandeza e a memória de natureza, humanos limites de um mundo do qual não deseja se desprender.

Através da velha “Totonha”, o autor faz referências à “Mil e uma noites”, “Pequeno Polegar”, ao naufrágio do “Paquete Bahia” nas costas do Pernambuco, “Barba Azul”, etc.

O romance tem como cenário a região limítrofe entre Pernambuco e Paraíba, o que pode ser deduzido pelas descrições da paisagem e da vida dos engenhos de açúcar. Os bandidos e cangaceiros, comuns na região, são mostrados como forma de reação social de um povo oprimido.

Carlos Melo, quase partiu para o cangaço (chegou a pensar em pedir ao cangaceiro Antonio Silvino para ir com o bandido até conhecê-lo melhor). Ali Carlinhos conheceu também o amor primeiramente com a prima Lili, que veio a falecer ainda criança, e depois com outra prima, Maria Clara, que morava no Recife e foi passar alguns dias no engenho.

Maria Clara era um pouco mais velha que Carlinhos, e contava-lhe as diversões e novidades da cidade. Mas, o romance durou pouco, a prima voltou para Recife.

O livro Menino de Engenho, é composto por quarenta capítulos curtos destacando-se os principais personagens:

- ❖ Carlos Melo, o Carlinhos
- ❖ Dona Clarisse, mãe de Carlos
- ❖ Pai de Carlos
- ❖ Coronel José Paulino, avô de Carlos
- ❖ Tia Maria, irmã da mãe de Carlos
- ❖ Velha Totonha, figura admirável e fabulosa
- ❖ Antonio Silvino representa bem o cangaço
- ❖ Tio Juca, irmão da mãe de Carlos
- ❖ Lula de Holanda, senhor de engenho decadente
- ❖ Sinhazinha era cunhada do coronel José Paulino
- ❖ Negra generosa cuidava da cozinha

### 5.1 - Principais características da Obra

A obra de José Lins do Rego caracteriza-se particularmente pelo extraordinário poder de descrição. Reproduz no texto a linguagem do eito, da

bagaceira, do nordestino, tornando-o no mais legítimo representante da literatura regional nordestina. O mundo rural do Nordeste, com as fazendas, as senzalas e os engenhos, serviram de inspiração para a obra do autor, que publicou seu primeiro livro “Menino de Engenho”, em 1932, onde descreve uma sociedade açucareira dominada pelas relações patriarcais entre amos e trabalhadores, moleques negros e meninos brancos.

A criação literária de José Lins do Rego, como ele próprio afirma, foi fundamentalmente baseada nas histórias de Trancoso, contadas pela velha “Totonha” e pela leitura de “Os doze pares da França”, de Carlos Magno, que ele leu aos 12 anos de idade, ainda no Internato de Itabaiana, tendo recebido influências de Victor Hugo, Proust, Hardy, Stendhal os que ele chamava de “os grandes Russos da minha vida: Tolstoi, Tchecov e Dostoievski”. Entre os nacionais, ele cita Raul Pompéia, Machado de Assis, Gilberto Freyre e Olívio Montenegro.

O autor destacou como desejaria que a sua obra romanesca fosse dividida:

- ❖ Ciclo da cana-de-açúcar: “Menino de Engenho”, “Doidinho”: “Bangüê”, “Fogo Morto” e “Usina”.
- ❖ Ciclo do cangaço, misticismo e seca: “Pedra Bonita” e “Cangaceiros”
- ❖ Obras independentes:
  - com ligações nos ciclos: “Moleque Ricardo”, “Pureza”, “Riacho Doce”
  - desligadas dos ciclos: “Água-Mãe” e “Eurídice”
- ❖ Romances baseados na decadência dos Engenhos, e daí surgindo a implantação das Usinas.

O ensaísta José Aderaldo Castello, em sua obra *A literatura brasileira – origens e unidade – V.II* (Edusp, 1999), considera o romance “Menino de Engenho” como sendo a matriz dos que compõem o “Ciclo da Cana-de-açúcar”, uma vez que em todas essas obras, existe a reiteração tanto da temática quanto do espaço. Além disso, a narrativa implica, consoante aquele estudioso, um mundo cercado por determinadas valores e tradições inerentes ao cotidiano de uma atmosfera social, política e econômica, sob o impacto de mudanças consideráveis, quer na organização social, quer na estrutura da política.

É exatamente nesse contexto, que essas obras de José Lins do Rego ganham revelação enquanto discurso de natureza crítica e social, pois, seu interesse maior reside em investigar o impacto que sofreu uma sociedade aristocrática rural, latifundiária e escravocrata, quando da substituição dos engenhos – modo arcaico

de produção – pelas usinas elétricas pertencentes a grandes grupos econômicos – inclusive do capital estrangeiro. É portanto, dentro dessa complexidade que se inscreve o universo do Ciclo da cana-de-açúcar.

As narrativas que compreendem esse ciclo apresentam, fundamentalmente, um tom memorialista, mas que, sobretudo, supera o simples relato autobiográfico. Em verdade, muitos dos episódios apresentados são reconstruções do que, quando menino, José Lins do Rego presenciou nas vastas terras de seus avós. O aprisionamento à memória do romancista, de um universo no seu estertor, motivou-lhe o jogo visão-antevisão-revisão, sempre presente – afirma José Aderaldo Castello, em obra já citada.

## 5.2 - A Linguagem

A Linguagem Regional é derivação das línguas originais, com modificações em sua estrutura, neologismos, e sotaque diferente. Geralmente acontecem em povos que foram colonizados. A expressão “Língua Regional”, também pode referir-se a uma língua local. Linguagem Regional, não é erro ou defeito, nem indica superioridade de uns nem inferioridade de outros. São fenômenos que acontecem em qualquer língua, e fazem parte da riqueza cultural de um País e de um idioma.

No Brasil, por exemplo, são conhecidos os usos das vogais abertas como sotaque de algumas regiões do Nordeste, o som do “r” bem acentuado no Interior de São Paulo. A Língua Portuguesa em nosso País apresenta uma diversidade bastante significativa tanto regional, quanto social.

A linguagem que José Lins do Rego utiliza no livro “Menino de Engenho”, é regionalista, ou seja, a linguagem própria do local que se situa a história, neste caso o Nordeste.

Alguns termos regionalistas utilizados, abaixo:

- ❖ aperreado – irritado, afobado, angustiado, com dificuldade
- ❖ cacimbas – poços
- ❖ jerimuns – abóboras
- ❖ abestado – abobalhado, bobo, otário, idiota
- ❖ botija – vaso de boca estreita
- ❖ sezão – febre intermitente
- ❖ descansar – dar a luz, parir, ter filho

O estilo de José Lins é inteiramente despojado e sem atitudes e artifícios literários. Ele próprio via a si mesmo como um escritor instintivo e espontâneo, chegando a apontar que suas fontes da arte narrativa estavam nas ruas. “Quando imagino nos meus romances tomo sempre como modo de orientação o dizer as coisas como elas surgem na memória, com os jeitos e as maneiras simples dos cegos poetas”. Apesar desta simplicidade lingüística com que escreve, ele descreve com muita técnica os estados psicológicos de seus personagens seguindo assim, uma linguagem inaugurada por Proust. Além disso, ele tem um domínio da tradição literária e consegue fazer uma crítica dos hábitos em um estilo que lembra Thomas Hardy.

A obra de José Lins caracteriza-se particularmente pelo extraordinário poder de descrição. Reproduz no texto a linguagem do eito, da bagaceira, do nordestino, tornando-o mais legítimo representante da literatura regional nordestina.

Romancista da decadência dos senhores de engenho, sua obra baseia-se quase toda em memórias e reminiscências. Seus romances levantam todo um sistema econômico de origem patriarcal, com o trabalho semi-escravo do eito, ao lado de outro aspecto importante da vida nordestina, ou seja, o cangaço e o misticismo.

Durante seu tempo de vida José Lins do Rego, foi lido e criticado por todos os grandes intelectuais do país. Mesmo o seu livro de estréia, “Menino de Engenho”, foi assim descrito por João Ribeiro, um dos mais importantes críticos literários da época:

“Bem examinadas as coisas, este livro pungente é de uma realidade profunda. Nada há nele que não seja, o espelho do que passa na sociedade rural e na cidade do Norte e do Sul do Brasil. É de todo o Brasil e um pouco de todo mundo” – João Ribeiro

“Menino de Engenho” é amplamente considerado pela crítica como o pioneiro de uma “Obra que se revelou de importância fundamental na história do moderno romance brasileiro”. O colega Gilberto Freyre, afirmou que José Lins havia iniciado, de fato um “novo romance em língua portuguesa” e provocado no Nordeste a poesia nordestina – tradicionalista que Jorge de Lima havia inaugurado com “Mundo do Menino Impossível” e “Essa Nega Fulo”

Alfredo Bosi, por sua vez, encontrou na obra de José Lins a mais alta expressão literária, poética e recordativa da transição do engenho para a usina na região canavieira da Paraíba e de Pernambuco.

### 5.3 - O Ciclo da Cana-de-Açúcar

Este Ciclo inicia-se com a publicação do romance “Menino de Engenho”, “Doidinho”, em seguida “Bangüê”, Carlos de Melo havia crescido, sofrido e fracassado. Mas o mundo do engenho Santa Rosa, não era só Carlos de Melo. Ao lado dos meninos de engenho havia os que nem o nome de menino podiam usar, os chamados “moleques de bagaceira”, os “Ricardos”. Ricardo foi viver fora do Santa Rosa a sua história que é tão triste quanto a do seu companheiro Carlinhos. Foi ele do Recife a Fernando de Noronha. Muita gente achou-o parecido com Carlos de Melo. Pode ser que se pareçam. Viveram tão juntos um do outro, foram tão íntimos na infância (muitos Carlos beberam do mesmo leite materno dos Ricardo) que não seria de espantar que Ricardo e Carlinhos se assemelhassem. Pelo contrário.

Depois do “Moleque Ricardo” veio “Usina”, a história do Santa Rosa arrancada de suas bases, espatifado, com máquinas de fábrica, com ferramentas enormes, com moendas gigantes devorando a cana madura que as suas terras fizeram acamar pelas várzeas. Carlos de Melo, Ricardo e o Santa Rosa se acabam, tem o mesmo destino, estão tão intimamente ligados que a vida de um tem muito da vida do outro. Uma grande melancolia os envolve de sombras. Carlinhos foge, Ricardo morre pelos seus e o Santa Rosa perde até o nome, se escraviza.

Sua magnum opus, “Fogo Morto” (1943), é visto como o “romance dos grandes personagens”.

Massaud Moisés, escreveu que esta obra-prima de José Lins “É uma das mais representativas não só da ficção dos anos 30 como de todo o modernismo”.

“Fogo Morto” é também o último suspiro da série de romances a que o próprio José Lins do Rego, grande contador de histórias, diretamente influenciado pelo regionalismo do sociólogo pernambucano Gilberto Freyre, haveria de chamar de O ciclo da cana-de-açúcar, que tem como matéria básica, o engenho Santa Rosa, do Velho Paulino, avó de Carlos de Melo. Em nota à primeira edição de Usina (1936), considerado por José Lins como último romance da série, o próprio escritor explica, suas intenções ao realizar este ciclo de romances. Com “Usina” termina a série de

romances o qual chamou de “Ciclo da Cana-de-açúcar”. A história desses livros é bem simples, querendo apenas escrever memórias que fossem de todos os meninos criados nas casas-grandes dos engenhos nordestinos. Seria apenas um pedaço de vida que o autor queria contar. Acontece que um romancista muitas vezes é apenas o instrumento de forças que se acham escondidas no seu interior.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de José Lins do Rego, “Menino de Engenho”, marca o início de uma nova forma de literatura regional brasileira, portanto, é atribuída a ele a invenção de um novo romance moderno brasileiro. Onde o conjunto de suas obras é um marco histórico na literatura regionalista, por representar o declínio do Nordeste canavieiro.

“Menino de Engenho”, é um livro de memórias, de recordações na maioria das vezes tristes. Durante toda a história é presente a questão da perda. O narrador já adulto descreve toda a sua trajetória de vida.

A obra de José Lins do Rego é parte de uma vertente muito específica do regionalismo, ou seja, um regionalismo mais conservador e nostálgico. Ele foi uma das maiores figuras do romance regionalista nordestino, e um dos representantes do neo-realismo brasileiro.

Alguns críticos literários acreditam que o autor ajudou a construir uma nova forma de escrever fundada na “obtenção de um ritmo oral”, que foi tornada possível pela liberdade conquistada e praticada pelos modernistas de 1922. Fica claro que a obra de José Lins do Rego foi um agente renovador na literatura regionalista, ressurgindo não apenas aspectos psicológicos, como também uma problemática sócio-econômica existente no Brasil.

Na comemoração do Centenário de Vida, de José Lins do Rego. Na Academia Brasileira de Letras, uma das suas filhas fez o seguinte relato “que identificá-lo apenas como regionalista, é reduzir muito a dimensão da sua Literatura. Os Jovens devem vibrar com a obra dele conhecer a vida dele que foi fascinante ele era um participante da vida”.

## REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo – **História Concisa da Literatura Brasileira**: São Paulo: Cultura, 1994

CEREJA, Wilian Roberto, Magalhães T. Cochar: **Português. Linguagens**: São Paulo: atual, 2005

MOISÉS, Massaud: **José Lins do Rego: in História da Literatura Brasileira**: São Paulo: Cultrix – Edusp, 1989.

NETO, Pasquale Cipro, Infante Ulisses: **Gramática da Língua Portuguesa**: São Paulo: Scioptione, 1997

REGO, José Lins do, **Menino de Engenho**: Rio de Janeiro: José Olympio, 2002

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy: **O Regionalismo Nordestino**: São Paulo: Moderna, 1984.

WAGNER, L, R: **Use o Português Adequado: Aspectos Gramaticais e Análise de Textos**: São Paulo: ALLPRINT, 2008

<http://www.academia.org.br>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Regionalismo>

[http://my.opera.com/menino de engenho](http://my.opera.com/menino_de_engenho)

<http://www.nordesteweb.com>